

INCUBADORA TECNOLÓGICA DE COOPERATIVAS POPULARES: INSERÇÃO DAS MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO

REGINA YONEKO DAKUZAKU

Introdução

As Incubadoras tecnológicas de cooperativas populares, programas de extensão universitária, assessoram grupos de trabalhadores historicamente excluídos do mercado de trabalho, na perspectiva de geração de trabalho e renda pautada nos princípios do cooperativismo no âmbito da Economia Solidária.

As cooperativas são sociedades civis/comerciais sem fins lucrativos, geridas pelos próprios trabalhadores, para produzir bens e/ou serviços. Pela legislação brasileira, são compostas por pelo menos vinte pessoas, que voluntariamente se associam em uma empresa coletiva e democraticamente controlada (EID, 1998). O rateio da sobra líquida destina-se aos trabalhadores proporcionalmente aos serviços ou entrega de produção (RECH, 1995).

Buscando o resgate da cidadania, a autogestão e a participação dos trabalhadores, os programas de Incubadoras tecnológicas de cooperativas populares objetivam a transferência do conhecimento desenvolvido nas universidades, através de um processo educativo de interação com a comunidade. Assim, corrobora com a concepção do papel da universidade qual seja a de produzir e disseminar conhecimento, sendo este conhecimento comprometido com a realidade onde a mesma se insere.

Em 1999, as Incubadoras tecnológicas de cooperativas populares constituíram a Rede universitária de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares, projeto permanente da Unitrabalho (Rede Universitária de estudos e pesquisas sobre o trabalho), atualmente envolvendo 14 instituições do país em vários estados brasileiros.

Incubadora regional de cooperativas populares – INCOOP/UFSCar: aceitando o desafio

A Incubadora regional de cooperativas populares – INCOOP, incubadora da Universidade Federal de São Carlos, desenvolve suas atividades desde o início de 1999, composta por uma equipe multidisciplinar envolvendo docentes e alunos de graduação e de pós-graduação em diversas áreas de conhecimento como engenharia de produção, ciências sociais, engenharia civil, terapia ocupacional, enfermagem, pedagogia, psicologia, engenharia de materiais, biologia, biblioteconomia e letras.

Inspirada na pioneira Incubadora tecnológica de cooperativas populares da universidade federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ), foi criada a partir da iniciativa da Pró-Reitoria de extensão e dos seguintes núcleos de extensão: cidadania, sindicato e município.

O caráter multidisciplinar da equipe favorece com que os conhecimentos de diversas áreas possam ser disponibilizadas aos grupos incubados, visto que, a organização cooperativa envolve questões de educação/formação, legalização, tributação, contabilidade, gestão e planejamento e habilidades profissionais específicas.

Na questão de educação/formação, além da educação formal que tem a sua importância, é fundamental considerar que a cultura cooperativista exige relações diferenciadas da encontrada na relação capitalista do mercado. Pensar e agir coletivamente, deixando de lado o individualismo, e valorizar a participação para o processo do próprio grupo são exemplos da cultura cooperativista a ser apreendida.

Outro aspecto importante quanto à equipe da incubadora, é a participação de alunos, seja de graduação ou de pós-graduação. Tal fato possibilita uma formação mais ampla dos mesmos dentro de sua área específica de conhecimento, a possibilidade de interrelação desse conhecimento com a

realidade, e a realização de pesquisa favorecendo reflexão sobre a prática ainda em construção desenvolvida pela incubadora.

Cooperlimp - cooperativa de trabalho em serviços de limpeza: nossa primeira experiência

A primeira atuação da INCOOP/UFSCar desenvolveu-se junto a um bairro na periferia do município de São Carlos/SP, que apresentava baixos índices quanto às condições sócio-econômicas, constatados a partir do Mapa de exclusão realizado pelo Núcleo de pesquisa e documentação do departamento de ciências sociais/UFSCar.

Com o apoio da Associação de moradores do bairro, realizaram-se várias reuniões apresentando e discutindo as propostas da INCOOP/UFSCar. A partir dessas informações, orientações e debates, cerca de 30 moradores decidiram-se por criar uma cooperativa de trabalho em serviços de limpeza. Durante esse processo, as mulheres foram presença majoritária, e contribuíram desde a divulgação das idéias que estavam sendo apresentadas e discutidas, convite às pessoas da vizinhança, até a ampliação do debate discutindo possíveis atividades a serem desenvolvidas pela futura cooperativa popular. Com a grande participação feminina, questões como dificuldades em conciliar horários para participar das reuniões com as atividades domésticas de cuidado com familiares (alimentação, cuidado com os filhos pequenos), eram importantes de serem previstas e encaminhadas. Muitas delas compareciam às reuniões trazendo seus filhos, deixavam jantar pronto para os maridos e deixavam encaminhadas algumas tarefas domésticas.

A assembléia de fundação da cooperativa ocorreu em 30 de maio de 1999, com 28 mulheres assinando o estatuto. Posterior à discussão de várias possibilidades de atividades econômicas a serem desenvolvidas pelo grupo, tendo verificado as possibilidades da atividade de alimentação (produção de salgados) e da costura, decidiram pela atividade de serviços de limpeza, considerando a experiência profissional de algumas delas, baixo investimento inicial e possibilidade de mercado no município.

Durante o processo de legalização da cooperativa realizaram-se também capacitação em atividades de limpeza, formação em habilidades sociais (trabalho em grupo, participação, iniciativa, processo de decisão, entre outras), e planejamento da atuação da cooperativa. Com o apoio da INCOOP, criaram

logotipo da cooperativa e desenvolveram material de divulgação (folder e cartão de visita).

Efetivaram o primeiro contrato em outubro de 1999, com abertura de oito postos de trabalho em serviços de limpeza no restaurante universitário da própria UFSCar.

Esse processo mobilizou as mulheres na discussão e decisão sobre quais seriam as oito pessoas que participariam deste primeiro contrato, definindo critérios amplamente discutidos. Participaram na discussão dos termos do contrato e das várias simulações dos possíveis preços do mesmo, juntamente com a equipe da incubadora. Participaram da tomada de preço e decisão quanto à compra de uniformes.

Atualmente a incubadora tem acompanhado o grupo no desenvolvimento de outras oportunidades de contrato de trabalho e monitorando as atividades desenvolvidas no restaurante universitário.

Nesse processo as mulheres têm apresentado mudanças significativas principalmente em sua apresentação pessoal, motivadas pela aumento da auto-estima, maior participação apresentando suas opiniões, sugestões, dúvidas e críticas, maior iniciativa em relação à busca de outras oportunidades de contratos de trabalho. Outras mudanças podem ser percebidas nas relações com seus cônjuges, tendo uma participação ativa em questões domésticas.

Mulheres e as cooperativas populares

Assim como na história da Cooperlimp, fatos como estes ocorrem no interior dos grupos incubados não apenas pela INCOOP/UFSCar, como também por outras incubadoras tecnológicas de cooperativas populares. Nas experiências relatadas pelas cooperativadas ou pelas equipes das incubadoras, constata-se a grande importância do papel da mulher nas cooperativas.

No caso da INCOOP/UFSCar, destacamos alguns aspectos, em relação aos grupos acompanhados:

1) número significativo de mulheres nos grupos: vários grupos acompanhados pelas incubadoras são compostos por maioria feminina. De oito grupo atualmente acompanhados, cinco são exclusivamente compostos por mulheres, apesar de não haver restrição à participação masculina.

2) a persistência das mulheres desde a fase inicial do grupo até a formalização da cooperativa, apesar da freqüente flutuação (quanto à quantidade de pessoas) que ocorre durante essa etapa do processo: durante o processo de organização das cooperativas as mulheres são perseverantes. É comum haver participações masculinas na fase inicial da discussão para a organização do grupo, mas estes não permanecem até o final do processo. Nos vários grupos acompanhados pela INCOOP/UFSCar, vários homens participaram das reuniões iniciais e não permaneceram até a fase de legalização da cooperativa. Muitos deles tem um entendimento equivocado quanto ao que vem a ser cooperativa de trabalho ou o papel da incubadora de cooperativas populares. Comparecem às reuniões portando as suas carteiras de trabalho, entendendo que ali possa estar um balcão de empregos e que o trabalho é imediato. Além da necessidade real de trabalho e renda, essa concepção pode também estar associada a experiências com falsas cooperativas onde os princípios do cooperativismo não são seguidos, ficando a participação e gestão democrática esquecidos nos estatutos. Nessas falsas cooperativas a relação de trabalho assemelha-se a uma relação patrão-empregado, e portanto, imaginar que em uma cooperativa, haveria contratação de trabalhadores.

Grupo/cooperativa	Ramo de atividade	Número de mulheres
Cooperlimp	Serviços de limpeza	25 *
Coop. Sabor e Massas	Produção de salgados e massas	21 *
Coop. Confeções Modelo	costura	20 *
Coop. Parque Iracema (grupo inicial)	Produção de Blocos de concreto	13 *
Grupo inicial em bairro de S.Carlos	Alimentação/costura	10 *
Coopersalto	Coleta, triagem e reaproveitamento de materiais orgânicos e inorgânicos	15 mulheres em 23 pessoas
Cooperasolmat	Reciclagem de resíduos, serviços rurais	13 mulheres em 20 pessoas
Coop. Jardim Alpino	Produção de hortaliças	09 mulheres em 14

(grupo inicial)	orgânicas	pessoas
-----------------	-----------	---------

* Grupo composto exclusivamente por mulheres

Podemos considerar algumas possíveis razões para este número significativo. Muitas delas provêm de situação de trabalho informal, temporário ou doméstico, estando em busca de outras alternativas de trabalho. Deve-se considerar aqui a discriminação e exclusão existente quanto à mulher no mercado de trabalho. Há quem diga, fala encontrada entre as próprias cooperativadas, que as mulheres acreditam mais em desafios, mesmo que o resultado não apareça imediatamente.

As mulheres, por sua vez, aceitam o desafio do empreendimento cooperativo, discutem com outras colegas e amigas essa possibilidade, organizam-se para poderem participar das reuniões e cursos de formação.

3) mudanças significativas de atitudes, uma vez que durante o processo de formação da cooperativa discute-se e desenvolve-se a participação, autogestão e autonomia. Esses temas, apesar de enfatizarem as relações humanas e organizacional no trabalho, podem ser aplicáveis à realidade existente no âmbito doméstico, uma vez que, ao se apreender/incorporar o conceito de participação e autonomia, esse não se restringe ao âmbito das relações de trabalho. Ser autônomo e ser participativo implica em nova postura frente ao mundo, em acreditar nos potenciais pessoais, em acreditar na coletividade e na importância de sua participação nesse coletivo. Ser autônomo e participativo envolve acreditar-se, reconhecer seus valores e seus direitos. Assim, essa nova postura resultará em mudanças em outras relações. Essa conquista pode se dar no âmbito das relações entre as cooperativadas, nas relações com a própria incubadora e universidade, nas relações com a comunidade e poder público, e nas relações familiares.

É comum observarmos maior participação das mulheres nas reuniões e em outras atividades durante o processo de incubação. As mesmas passam a colocar as suas opiniões, sugestões e críticas. Se, inicialmente apresentavam uma postura passiva, delegando à presidente da cooperativa as decisões, ou a esperar da incubadora de cooperativas populares não apenas informação e orientação, mas também decisões e respostas, gradativamente vão adquirindo uma postura mais pró-ativa, trazendo sugestões e discutindo posições. Ao longo do processo adquirem uma postura crítica quanto às relações existentes entre as colegas cooperativadas, ao papel da incubadora e da universidade, e quanto aos papéis dos órgãos públicos e de outros parceiros. Esse processo é fundamental para que a cooperativa possa posteriormente ser “desincubada”, isto é, que ao adquirir autonomia tanto em suas relações organizacionais quanto

autonomia econômica, estas não mais necessitem do apoio da incubadora de cooperativas populares.

Quanto às relações familiares, essa postura mais pró-ativa tem como consequência o estabelecimento de uma outra relação nos papéis domésticos. O próprio fato da mulher estar engajada num processo participativo, freqüentando reuniões, mobilizando-se, pode ser ponto de insatisfação de seus familiares, principalmente de seus cônjuges. A partir do momento em que a cooperativada está no mercado de trabalho, e passa a contribuir na economia doméstica com a sua renda mensal, o papel do homem-provedor pode ficar abalada. Isso trará como consequência uma posição ofensiva do homem em relação ao trabalho da mulher.

“Da última vez que nós nos separamos fui internada no Salgado Filho. Ainda tenho marcas. Quando recebi meu primeiro pagamento ele falou pra mim ‘você disse que não dependeria mais de mim para nada’. Eu disse que sim e ele pegou o dinheiro na minha bolsa e botou fogo no meu primeiro salário e disse: ‘pelo menos nesse mês, você vai depender.’ (Hoje na cooperativa da qual faz parte o estatuto prevê a expulsão de homem que bate em mulher).” (fala de uma cooperativada de um grupo incubado pela Incubadora tecnológica de cooperativas populares da Universidade Federal de Rio de Janeiro).

Por outro lado, há casos menos dramático e mais positivo onde o fato da mulher estar trabalhando e tendo o seu próprio dinheiro o que lhe confere maior autonomia em relação ao cônjuge, e, juntamente com os aspectos discutidos dentro do processo de formação em gestão cooperativa, possibilita a ela uma postura mais participativa no interior das relações domésticas. Assim, a mulher estará discutindo as prioridades nos gastos domésticos, discutindo divisão de tarefas, divisão da responsabilidade no cuidado com os filhos, anteriormente relegada exclusivamente a ela.

Conclusões

Ao desenvolvermos o programa de Incubadora de Cooperativas Populares, e tendo-se como significativo o número de mulheres no interior de cada grupo “incubado”, não podemos deixar de olhar as implicações de gênero envolvidas nesse processo. Saber de mulheres impedidas pelo marido de comparecer às reuniões das cooperativas; saber que as mulheres estão à busca de uma alternativa onde possam se inserir no mercado, pois, além da questão do desemprego há a questão da discriminação das mesmas no mercado de

trabalho; saber da submissão das mesmas a uma situação de desrespeito em seu ambiente doméstico, são fatores que não podemos deixar de olhar, de considerar dentro da atuação nos programas das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares.

Assim, entendemos que as incubadoras têm uma atuação fundamental ao considerarmos as cooperativas como uma alternativa de geração de trabalho e renda, e que no caso das mulheres, seu papel não se restringe aos postos de trabalho, mas desde a capacitação para a gestão cooperativa e a inserção no mercado de trabalho, até o processo de resgate de sua cidadania enquanto mulher e trabalhadora.

BIBLIOGRAFIA

EID, F. *Cooperativismo*. São Carlos: UFSCar, 1998. (mimeo)

FERNANDES, F. Obstáculos extra econômicos à industrialização no Brasil. En: *Mudanças sociais no Brasil*. San Pablo: Difel, 1979.

GUIMARÃES, G. (Org.) *Incubadora tecnológica de cooperativas populares. Ossos do ofício: cooperativas populares em cena aberta*. COPPE-UFRJ. Apoio. Rio de Janeiro: FINEP, 1998.

GUIMARÃES, G. (Org.) *Integrar cooperativas*. Unitrabalho/CUT. São Paulo, 1999.

OLIVEIRA, T.C. *Cooperativa de trabalhadores: instruções para organização*. São Paulo: Instituto de Cooperativismo e Associativismo, 1993.

RECH, D. *Cooperativas: uma alternativa de organização popular*. Rio de Janeiro: FASE, 1995.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. San Pablo: Companhia das Letras.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 6ª. ed. San Pablo: Cortez, 1994

VALÊNCIO, N.F.L.S. *Incubadora de cooperativas populares: uma experiência universitária em prol da transformação social*. En: Seminário de Metodologia

de Projetos de Extensão III , UFSCar, COPPE/UF RJ, UFF, São Carlos, Sao Paulo, ago. 1999. Anais.